

DESIGN DE RESISTÊNCIA E CONTORNOS POLÍTICOS NA CRIAÇÃO DE UMA ESTÉTICA DE MODA AFRO-BRASILEIRA

Design of Resistance and Political Outlines in Creation of an Afro-descending Fashion Aesthetics

Paulino dos Santos, Maria do Carmo; mestrandia;
Universidade de São Paulo; e-mail: mducarmo@usp.br
Garcia Vicentini, Cláudia Regina; doutora;
Universidade de São Paulo; e-mail: claudiagarcia@usp.br

Resumo:

O objetivo deste artigo é compreender a Moda Afro-Brasileira, através da metodologia documental, identificar elementos culturais visuais que compõem os trajes dos corpos sociais presentes na 'Marcha do Orgulho Crespo' que ocorreu na avenida Paulista, na cidade de São Paulo em 07/08/2016. Para isso, utilizaremos do arcabouço teórico de Ana Beatriz Simon Factum sobre "Design de Resistência" para compreender questões relativas a resignificação de objetos que resgatam o reconhecimento de identidade, a noção de pertencimento, as lutas de resistência, e memória da cultura africana como patrimônio cultural brasileiro.

Palavras-Chave: Moda Afro-Brasileira, Orgulho Crespo, Resistência.

Abstract:

The purpose of this article is to understand Afro-Brazilian Fashion, through the documentary methodology, to identify visual cultural elements that make up the costumes of the social bodies present in the 'Marcha do Orgulho Crespo' that took place on Paulista Avenue in the city of São Paulo on 07/08/2016. For this, we will use the theoretical knowledge of Ana Beatriz Simon Factum on "Design of Resistance" to understand questions related to the reframing of objects that rescue the recognition of identity, the notion of belonging, the struggles of resistance, and the memory of African culture as patrimony brazilian cultural.

1 Maria do Carmo Paulino dos Santos – Mestranda em Têxtil e Moda / Universidade de São Paulo - Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH – USP; Graduada em Desenho Industrial – Universidade de Guarulhos; Especialização em Desenho de Moda e Criação – Faculdade Santa Marcelina; Especialização Docência no Ensino Superior – Universidade Estácio de Sá; Graduada em Pedagogia – UniCEU Caminho do Mar / Centro Universitário São Camilo. Atua como Designer, Modelista e Gestora de Projetos de Moda e Economia Criativa.

2 Cláudia Regina Garcia Vicentini - Doutora em Engenharia (UNICAMP) na área de Metodologia de Projeto, Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC), Engenheira Têxtil (FEI) . Professora da Universidade de São Paulo - Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH - USP em RDIDP, no curso de Têxtil e Moda. Atuou como designer desenvolvendo produtos em vários segmentos da indústria têxtil e de moda, incluindo acessórios, e têxteis técnicos para a indústria automobilística. Faz parte do Conselho Consultivo da ABEPEN - Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda. Coordenou projetos de pesquisa no Brasil e no exterior. Desenvolve pesquisas teóricas e experimentais que estudam as interfaces entre as áreas de design, arte e moda, com ênfase nos processos criativos, no desenho como linguagem, os aspectos simbólicos do produto e as metodologias projetuais. Atualmente tem desenvolvido uma linha de pesquisa que busca entender a vestimenta como ação política e relações de poder.

Keywords: Afro-Brazilian Fashion, Pride Crespo, Resistance.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é compreender a Moda Afro-Brasileira, através da metodologia documental, identificar elementos culturais visuais que compõem os trajes dos corpos sociais presentes na '*Marcha do Orgulho Crespo*', e compreender questões relativas a resignificação de objetos que resgatam o reconhecimento de identidade, a noção de pertencimento, as lutas de resistência, e memória da cultura africana como patrimônio cultural brasileiro.

O artigo é composto por nove capítulos, sendo o primeiro, *Introdução*, que apresenta uma síntese de todo o contexto. O capítulo dois, *Cultura Africana no Brasil*, apresenta um breve histórico cultural, trazendo uma rica contribuição para entendermos a participação dos escravos nas atividades têxteis, através do tecimento rústico da fibra de algodão. No terceiro capítulo, *Moda Afro-Brasileira*, destacamos a ascensão desta moda como um novo nicho de mercado a ser explorado. O quarto capítulo, *Marcha Orgulho Crespo*, discutiremos a importância desta marcha, como impulsionadora de tendências de moda e beleza, e como esta mesma, vem promovendo a visibilidade de produtos de moda-afro-brasileira.

O quinto capítulo, *Design de Resistência segundo Ana Beatriz Simon Factum*, provoca uma reflexão a partir do arcabouço teórico de Ana Beatriz Simon Factum sobre "*Design de Resistência*" para compreender questões relativas a resignificação de objetos que resgatam o reconhecimento de identidade, a noção de pertencimento, as lutas de resistência, e memória da cultura africana como patrimônio cultural brasileiro. No sexto capítulo *O Patrimônio Cultural Brasileiro a partir de valores simbólicos agregados*, discursamos sobre a importância IPHAN, o papel desta instituição ao longo destes oitenta anos, debruçada sobre as questões do patrimônio – natural, material e imaterial, como preservação da nossa cultura e identidade.

No sétimo capítulo *Metodologia*, apresentaremos como estratégia metodológica, uma análise documental, onde o campo de investigação está dividido em três grupos a saber: 1) análise de imagem - registro fotográfico; 2) análise do discurso – da entrevista da matéria *Mulheres dão adeus ao alisamento e assumem cachos e o orgulho crespo*; e 3) análise comparativa dos resultados da análise da imagem com a análise do discurso. O objetivamos com esta análise comparativa, entendermos em que momento aparece os termos identidade, resistência e pertencimento, tanto na imagem como no discurso. No

oitavo capítulo *Conclusão*, a metodologia documental possibilitou-nos a compreensão de que tanto através da imagem como do discurso o conceito de 'identidade' aparece bem equilibrado, que o reconhecimento da 'resistência' é muito utilizada através da imagem, e muito pouco na construção do discurso, e que a percepção a respeito de 'pertencimento' aparece com equidade entre a análise da imagem com a análise do discurso. E no último capítulo apresentamos as *Referências Bibliográficas* pesquisadas e sites consultados.

2 – Cultura Africana no Brasil

A cultura africana é riquíssima em artes, saberes populares, tradições, identidades e religiosidades. O continente africano é composto por diversos países, considerado o berço das civilizações *homo sapiens*. O Brasil passou por mais de trezentos anos de exploração da mão de obra escrava, num período de tortura, mutilações, hostilizações, silenciamentos, incertezas e solidão. Segundo Darcy Ribeiro (1995), o negro afro-brasileiro é originário principalmente da costa ocidental africana. Podendo-se classificá-los em três grandes grupos: 1) o primeiro grupo das culturas africanas sudanesas, em maior parte pelos grupos *Yorubá* – chamados *nagô*, pelos *Dahomey* – chamados de *gegê*, e os *Fanti-Ashanti* – conhecidos como *minas*, neste grupo também vieram negros da Gâmbia, Serra Leoa, Costa da Malagueta e Costa do Marfim; 2) o segundo grupo das culturas africanas islamizadas, os *Peuhl*, os *Mandingas* e os *Hausa*, que vieram do norte da Nigéria direto para os estados: da Bahia – chamados de negros *malé*, e para o Rio de Janeiro – como negros *alufá*; 3) o terceiro grupo das culturas africanas das tribos *Bantu*, do grupo de negros congo-angolês da região da Angola e a “Contra Costa”- atual território de Moçambique. Esse grande contingente de pessoas oriundas de diversas etnias, trouxe consigo um vasto arcabouço linguístico e cultural. Porém, estas tradições eram sufocadas a fim de atender a estratégia política de senhores de engenho, a saber: “evitar a concentração de escravos oriundos de uma mesma etnia, nas mesmas propriedades, e até nos mesmos navios negreiros, impediu a formação de núcleos solidários que retivessem o patrimônio cultural africano” (RIBEIRO, 1995. p:115). As tradições culturais africanas sofreram grandes influências no Brasil, de tribos indígenas, culturas européias, entre outras. Esse fenômeno de interferência cultural junto com o processo escravagista afetou diretamente o desenvolvimento do negro no Brasil.

Ao longo deste período, da escravidão ao contemporâneo, aspectos que resistiram à todo este processo destacam-se nas feições africanas da cor da pele, nos lábios grossos, nos nariz carnudos, bem como em candências – ritmos, nos sentimentos

especiais de cor e gosto, crenças religiosas, valores espirituais, reminiscências rítmicas e musicais, saberes, gostos culinários. *'Essa parca herança africana – meio cultural e meio racial -, associada às crenças indígenas, emprestaria entretanto à cultura brasileira, no plano ideológico, uma singular fisionomia cultural'* (RIBEIRO, 1995).

Ao estudar a história da moda no Brasil, observa-se a ausência de pesquisa aprofundada em relação à contribuição da cultura africana no processo de desenvolvimento dos tecidos de algodão e nas confecções das roupas a partir do século XVI. Um pequeno registro encontramos no livro *História da Moda no Brasil: das influências as autorreferências* (PRADO e BRAGA, 2011), que narra a moda brasileira a partir do século XVIII, com um destaque inicial relevante para a moda européia. Numa breve introdução onde cita trechos das cartas de Pero Vaz de Caminha, encontra-se um registro que marca a presença dos negros africanos, como protagonistas, além dos indígenas e europeus, no ofício de tecer a fibra de algodão. Os africanos apresentaram técnicas manuais tradicionais da cultura africana. Sendo esta, uma técnica mais rústica, que deixava os tecidos de algodão mais grosso. Com o tráfico de escravos, as atividades de tecer a fibra de algodão, ficariam nas mãos das mulheres escravas, para confeccionar as roupas dos escravos. Mais tarde, por volta de 1696, segundo Prado e Braga (2011), uma carta régia, proíbe às escravas em todo território brasileiro de usarem em seus trajes os tecidos considerados mais nobres como as sedas, as cambraias e as hollandas. Marcando assim, uma linha de divisão e definindo a desigualdade social para com os negros no Brasil através da moda, vejamos:

“ [...] pelo relato de Caminha, fica claro que nativos do Brasil já “entrelaçavam manualmente fibras vegetais, produzindo telas rudimentares para várias finalidades. [...] Usavam o algodão para fazer redes, faixas e revestimentos de pontas de flechas”. Por volta de 1550, algumas vilas instaladas no litoral brasileiro começaram a produzir nossos primeiros artesanatos em tecelagens [...]. Com o início do tráfico de escravos negros da África, o trabalho de tecer foi “passado para as escravas negras, que produziam vestuário para os próprios escravos, para a sacaria de café e demais população pobre”. Os africanos traziam hábitos de tecer próprios de suas tradições, configurando-se então a confluência de três tradições de tecelagem provenientes das etnias indígenas, africanas e européias. Tratava-se, então, de produzir “tecidos grossos e sem tingimento destinados a cobrir a nudez dos índios e escravos”. Uma carta régia datada de 1696 decretou: **“as escravas de todo o Estado do Brasil em nenhuma das capitanias dele podem usar vestido algum de seda, nem se sirvam das cambraias ou hollandas, com rendas ou sem elas [...]**” (Prado e Braga, 2011.p:25. Grifo nosso).

3 – Moda Afro-Brasileira

A Moda Afro-Brasileira é um fenômeno da contemporaneidade que agrega em sua

'*subjetividade*' (MESQUITA, 2010) à resignificação simbólica da cultural africana no Brasil, em fusão com o contexto social e político das lutas de resistência dos negros afrodescendentes brasileiros e americanos³ (LOVEJOY, 2014). Essa Moda, instiga o reconhecimento das '*identidades*' (HALL, 2009) africanas e a noção de pertencimento à mesma cultura, reconhece à importância das lutas de resistência do negro na formação do povo brasileiro (RIBEIRO, 1995), e resgata através da estética às sutilezas da herança cultural africana, como: tradição – usos e costumes, ancestralidade, religiosidades – crença e misticismo, tecnologias manuais – têxteis, texturas e estamparia, símbolos, criatividade, cores vibrantes, etc, para aplicar conceitualmente esses elementos em produtos de moda e estilo - vestuário, traje, acessórios, comportamento, beleza – cabelo, cosméticos, maquiagem. Indiretamente, a Moda Afro-Brasileira vem sendo impulsionada por artistas das periferias que através de outras linguagens artísticas como a música, shows, saraus, slam dos poetas periféricos, literatura marginal, etc, compõem seus figurinos a partir desta moda.

Segundo o boletim do Sistema de Inteligência Setorial do SEBRAE-SC (2016), a Moda Afro-Brasileira está em ascensão. Essa moda vem sendo desenvolvida no Brasil desde 2000, e está cada vez mais presente no vestuário do brasileiro. Destaca a moda afro-brasileira como tendência, porque busca representar a identidade de um povo, e que, '*além das influências africanas utilizadas nas criações das peças, elementos das culturas norte-americana e da brasileira fazem parte das criações que compõem o vestuário afro*'. O boletim também informa, que a Moda Afro-Brasileira destaca-se pelas estampas que valorizam a mulher negra, pela utilização de formas geométricas, pelo uso de pele, fibras, aplicações, máscaras, símbolos do candomblé, grafite e hip-hop. E, entre as técnicas utilizadas encontra-se o macramê – que utilizam trançados, nós e amarrações, e a moulage – técnica de modelagem (SIS. SEBRAE-SC, 2016).

O público consumidor de Moda Afro-Brasileira, segundo Hager (2016) são pessoas negras e não negras – profissionais de diversas áreas e classes sociais. E que, um produto de moda afro-brasileira, que marca a inserção do negro como classe consumidora é a criação da revista Raça Brasil em 1996 (HAGER, 2016).

O lançamento da revista foi um sucesso, com tiragem de 200 mil exemplares, e a primeira edição esgotou em três dias. A respeito deste sucesso, o departamento de Antropologia da UNICAMP, realizou o debate, "*Gênero e Raça em Revista*", para

3 Segundo, Paul E. Lovejoy (2014) "as influências africanas e, em particular, do movimento do jihad na África Ocidental tiveram um impacto profundo na formação de revoltas e diferentes manifestações de resistência escrava nas Américas", referindo-se principalmente aos Estados Unidos e ao Brasil; ' [...] os jihad influenciaram os eventos na Bahia e, especificamente, a revolta malê de 1835, assim como a consolidação da influência iorubá em Cuba. No âmbito da "era das revoluções" e da resistência das populações escravizadas nas Américas[...]' (LOVEJOY, 2014).

problematizar o cenário em que estaria inserido a revista *Raça Brasil*, entre as revistas de moda e comportamento a nível nacional brasileiro. Neste debate, estavam presentes à mesa, Aroldo Macedo, Editor chefe da revista *Raça Brasil*, Roberto Melo, Diretor Editorial da Editora Símbolo, Valter Silvério, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, Mariza Corrêa, Suely Kofes (organizadora do debate) e Octavio Ianni, ambos professores da Unicamp. Roberto Melo inicia sua fala fazendo um breve relato da história da revista *Raça*, desde a ideia inicial ao lançamento. Destaca que sua missão era derrubar três dogmas impregnados na sociedade brasileira, que considerava um problema trágico, sendo: a) de que negro não tem poder aquisitivo para comprar produtos supérfluos e revista pôde ser considerada como supérfluo; b) que negros em capas de revistas não vendem a revista; c) que os negros têm vergonha de serem negros. Roberto relata que pesquisou o poder de compra da população negra nos dados do IBGE, e não o convenceu. E que, somente uma pesquisa realizada pelo DataFolha (1995) para o Livro *Racismo Cordinal* da editora Ática, apresentou dados confiável, onde descobriu que 59% da população brasileira é negra. Deste percentual filtrou os adultos e separou os jovens, para encontrar o referencial de que 10% desta população receberia acima de 20 salários mínimos/mês. Neste perfil encontrou o volume de 5,4 milhões de negros brasileiros com potencial para consumo. Com esses dados projetou uma revista de alta qualidade, com o objetivo de elevar a auto-estima e destacar a ascensão social do negro. A estratégia de conteúdo desta revista é de: 70% conteúdo de comportamento (a comunicação dialóga com o indivíduo) e 30% conteúdo de informação (a comunicação dialóga com o cidadão); e de que a revista também deveria ser atrativa para atrair anunciantes, para que garantissem o financeiro da organização. Um outro aspecto que, Roberto apresentava, era que a revista *Raça Brasil* alcançava em média 2,5 milhões de leitores a cada edição, e que diariamente chegavam às bancas o volume 1950 revistas. E que agora a revista *Raça Brasil* está entre este volume como a única no gênero *raça*. Apresentando que a revista, teve excelente aceitação do público, muitos leitores escreveram cartas à redação contando suas histórias de vida e de identificação com a revista. E que, mesmo com este posicionamento de mercado, a revista *Raça Brasil*, estaria recebendo críticas de pessoas ligados a ala tradicional do movimento negro, por conta do termo “*ascensão social*” e elevação da auto-estima do negro. Entre esses conservadores, consideramos importante destacar, o sociólogo e professor Valter Silvério, seguidor do pensamento sociológico de Roger Bastide⁴(foi o

4 Roger Bastide nasceu em Nimes na França (1898), concluindo seus estudos primários e superior em sua cidade natal, interrompeu seus estudos devido a guerra, ficando à disposição dos serviços militares em Valença (1916). Depois da guerra conseguiu

orientador de Gilda de Mello e Sousa que defendeu a tese: “*A moda no século XIX*”, em 1950, sendo esta, a primeira da área da Moda no Brasil), entre os demais, que pontuaram neste debate, que a revista Raça Brasil não tinha vínculo com a história da ‘*Imprensa Negra*’ no Brasil, a qual, é o espelho da luta do movimento negro brasileiro (KOFES, 1996. CADERNOS PAGU: p. 241 -296).

Em relação aos empreendedores de Moda Afro-Brasileira, segundo Hager(2016), em sua maioria são mulheres negras, pertencentes as classes sociais B e C. Que buscam através da moda, resgatar a identidade cultural africana. A pesquisadora, realizou pesquisa de campo, para identificar quantas marcas estão trabalhando com Moda Afro-Brasileira atualmente, e identificou 20 (vinte) marcas de roupas. Entre estas marcas, Hager, entrevistou três proprietárias, sendo elas, das marcas Julia Vidal (Rio de Janeiro), Goya Lopes (Salvador-BA) e Negrif (RJ). Onde, perguntou-lhes o seguinte: “[...] se enfrentam algum tipo de preconceito ou barreiras ao assumirem esse posicionamento de moda dentro do mercado de consumo de moda nacional?”. As empresárias responderam destacando diversos aspectos. Para este artigo, destacamos alguns pontos positivos e negativos (Quadro1), que reconhecemos como relevantes, sendo estes pontos, enfrentados pelas entrevistadas, os quais são:

Quadro 1: Segmento de Moda Afro-Brasileira / Pesquisa de Campo, realizada por Hager (2016).		
MARCA	PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
Julia Vidal (RJ)	<p>1) Importante que este mercado, embora permaneça engajado na valorização da cultura e população negra, busque evidenciar a possibilidade do uso das vestimentas deste nicho para todos os consumidores, sem distinção racial</p> <p>2) Seu público, inicialmente, era composto por 80% de brancos. Atualmente este número está ficando “equilibrado”, pois, com a valorização dos negros, estes se sentem mais inclinados em consumir e mais interessados em demonstrar sua identidade e o orgulho de querer ser negro.</p>	<p>1) Afirma que a forma de diálogo e de apresentação em determinadas situações pode gerar um preconceito no próprio mercado ao qual a moda afro-brasileira se encontra inserida.</p> <p>4) Para a estilista, na moda afro-brasileira, há um estigma de que as roupas são desenvolvidas em sua maioria para os negros.</p>
Goya Lopes (BA)	<p>1) Afirma que é de extrema importância a construção e valorização dos saberes afro-brasileiros dentro de um contexto que é o da moda.</p> <p>2) Que o colegiado do Setorial de Moda do Ministério da Cultura (MINC) está voltado para essas questões da moda regional, reunindo as cinco regiões do Brasil</p>	<p>1) Que a moda afro-brasileira apresenta três deficiências: a falta de produtividade, a falta de distribuição e a mídia positiva.</p> <p>2) Que há grandes dificuldades em se conseguir incentivos efetivos governamentais para o</p>

uma bolsa de estudos para estudar na Universidade de Bordeaux, onde se formou nesta, e na universidade de Sorbonne. Em 1931 escreveu ‘*Problèmes de la vie mystique*’ e em 1936 ‘*Éléments de Sociologie*’. Como membro da ‘*missão francesa*’, Bastide foi contratado para o núcleo do corpo docente da Faculdade de Filosofia de São Paulo, para a cadeira vaga deixada pelo professor Claude Lévi-Strauss. No Brasil, Bastide lecionou por quase vinte anos (1937 a 1954) recebendo o título de ‘*Dr. Honoris Causa*’ pela Universidade de São Paulo, aprofundou seus estudos na cultura afro-brasileira, onde, publicou centenas de livros, artigos, resenhas e etc. Iniciando-se na prática do Candomblé, deixando-se transparecer que, seu respeito pelas preferências do ‘*outro*’ era o seu manifesto diário. Roger Bastide, escreveu diversos livros no Brasil: *Arte e Sociedade, O Candomblé da Bahia, As religiões africanas no Brasil*, entre outros. Tornou-se objeto de estudo como nas publicações periódicas *Revisitando a Terra de Contrastes: a atualidade da obra de Roger Bastide*, se torna um clássico como base de estudos para seus orientandos, onde, discutia a estética sociológica, a origem dos valores artísticos, a sociologia do produtor de arte. Entre os orientandos de Bastide estavam Florestan Fernandes que sucedeu sua cadeira na cátedra, e a professora e pesquisadora Gilda de Mello e Souza que escreveu a tese: “*A moda no século XIX*”, primeira tese de Moda defendida no Brasil.

	com representantes na luta pela inserção da moda afro-brasileira. Citando a estilista Márcia Ganem como uma das principais representantes da cidade de Salvador da causa no Colegiado Setorial de Moda (MINC).	desenvolvimento de projetos voltados para a moda afro-brasileira.
Negrif (RJ)	<p>1) A marca Negrif, atende pessoas do Brasil e do mundo todo.</p> <p>2) Que (suas) “as peças são direcionadas para pessoas que tem identidade, que desejam coisas diferentes, que não são produzidas em série, e que consequentemente valorizam o único”. Fabrica roupas sob medida e faz trabalhos com estamparias exclusivas.</p>	<p>1) Que as pessoas ainda não sabem como encontrar produtos diferenciados, principalmente neste nicho de mercado de moda, necessitando de estratégias de divulgação.</p> <p>2) Que a estilista não gosta dos concursos ou espaços de moda fechados.</p>

A partir desta entrevista realizada pela pesquisadora Patrícia Hager (2016), percebe-se que as empreendedoras estão afinadas com este segmento de moda, reconhecem as dificuldades externas do setor e possuem visão de posicionamento de mercado em relação aos produtos de moda com valores simbólicos agregados. Observa-se que um significativo percurso já foi traçado e que políticas públicas de incentivos e desenvolvimento são fundamentais para expansão deste nicho de mercado.

Neste segmento de mercado observamos um crescimento significativo de *ecommerce*, aplicativos e rede digitais de serviços ligados a moda e beleza. Dentro deste nicho moda-afro-brasileira, encontramos entre outros, a plataforma de *ecommerce* [Estilo Afro](#), e o aplicativo [Kilombu](#), que reuni no mesmo espaço diversas marcas e produtos deste segmento e outros, objetivando dar maior visibilidade a empreendedores negros. No portal do G1, encontramos a matéria “*Empreendedores Negros focam em Potencial de Mercado Afro no Brasil*”. O destaque da matéria são os empreendedores negros, apresentando-os como promissores em pequenos negócios que estão em ascensão no Brasil ([PEGN](#). G1, 20/11/2015).

4 – Marcha do Orgulho Crespo

No Brasil, a Marcha do Orgulho Crespo é motivada por um fenômeno interessante, denominado como '*Movimento Orgulho Crespo*', que surge como tendência e proposta de estilo para dar visibilidade e impulsionar a estética negra. Este fenômeno, agrega influência do '*Curl Fest*' que acontece no imenso Prospect Park em Nethermead, Brooklyn–NY/EUA desde 2014 com o slogan “*The Natural Hair Movement*”. Criado pelo coletivo *Curl Girls* em 2011, onde, cinco jovens negras americanas (Charisse Higgins, Melody Henderson, Tracey Coleman, Simone Main e Gia Lowe) uniram-se para criar (no início) pequenos eventos de beleza e cuidados com a pele negra e, partilhar informações

de como cuidar dos cabelos crespos e etc. Esse movimento fortaleceu-se, e o coletivo *Curl Girls* passou a se posicionar como uma empresa de marketing experiencial especializado em beleza multicultural. Transformando o Prospect Park em um lugar de negócio junto com o lazer, para unir o público consumidor com as empresas de cuidados da pele com a de cabelo natural para marcar presença na crescente indústria da beleza nos Estados Unidos. O evento reuni diversas atividades como shows, performance, oficinas culturais e oferece uma série de serviços e vendas de produtos de moda afro e cosméticos (fonte:CurlFest.com. Acessado em 29/08/2017).

A Marcha do Orgulho Crespo surge no Brasil em 2015, com um volume significativo de pessoas – jovens, adultos, crianças e idosos –, imprensa, movimentos sociais, artistas, etc. Iniciou-se por volta das onze horas da manhã, no domingo do dia 26/07/2015, uma roda gigante de manifestantes negros, no vão livre do MASP (av. Paulista/SP) para anunciar através do alto-falante à respeito dos seus cabelos crespos. Como uma espécie de manifesto vivo, os participantes revezavam-se para expressarem em seus discursos, palavras de ordens, que denunciaria o racismo que sofreram, destacando-se a importância da aceitação do cabelo crespo como identidade e representatividade. Contra a imposição de alisamentos e chapinhas, que em muitos casos definem a permanência da mulher negra em locais de trabalho, escolas e repartições públicas. A narrativa crítica ao contexto social e político vivenciado, emanavam-se no discurso das mulheres que saíram em marcha naquele domingo, por meio das palavras de ordens *“Mulher negra resiste! Dandara vive, Dandara viverá ! Quero trabalhar com meu cabelo assim ! Abaixo a ditadura da chapinha !”*. Portanto, selaram-se o início da Marcha do Orgulho Crespo, que tomou a av. Paulista em direção a Casa Amarela na avenida da Consolação em 2015. Voltando às ruas em 2016, do Masp em direção ao Centro Cultural Vergueiro. E em 2017, da praça do Ciclista na avenida Paulista para o espaço Cultural Unibes na rua Oscar Freire.

A marcha é organizada através das redes sociais pelo 'Movimento Orgulho Crespo' encabeçado pelos *“Movimento Hot Pente”* da jornalista Neomisia Silvestre⁵ em parceria com a designer de moda Thaianne Almeida, e pelo *“Blog das Cabeludas - Crespas e Cacheadas”* da blogueira Nanda Cury⁶. O Movimento Hot Pente é um projeto que une referências do *Hip-Hop*, do grafite, da moda e do *street dance*, para celebrar a cultura negra e urbana. O nome Hot Pente é uma provocação aos biquínis com tangas altas

5 Jornalista, Escritora, Produtora Cultural e Ativista. Uma das idealizadoras dos movimentos Hot Pente e a Marcha do Orgulho Crespo. Atua em projetos artísticos e culturais, com foco em juventude, periferia e estética negra. Escreve para HuffPost Brasil (Fonte: Orgulhocrespo.com)

6 Consultora de Marketing Digital

estilo “*hot pant*” da década 1940, e ao pente quente, usando para alisar os cabelos das mulheres negras até os dias de hoje.

Segundo seu manifesto, a Marcha do Orgulho Crespo vem “*celebrar a cultura negra e busca fortalecer a estética afro-brasileira como símbolo de identidade e resistência*”, tem um recorte de gênero e raça, e problematiza a situação da mulher negra brasileira, destacando fatores socioeconômicos que acentuaram a desigualdade social no Brasil. Colocando a mulher negra em quarto lugar na hierarquia de classe social (IPEA, 2011). E deseja, “[..] *que a cultura do Orgulho Crespo seja capaz de combater o racismo pelo viés estético e que este seja um ponto de partida para que a sociedade compreenda que cabelo não pode nem deve ser motivo de discriminação e/ou exclusão de qualquer oportunidade*” (Fonte: orgulhocrespo.com. Acessado em 29/08/2017).

O discurso do 'Orgulho Crespo' avançou por todo o território brasileiro, segundo Malta e Oliveira (2016), vem sendo impulsionado através das redes sociais. Com o mote orgulho crespo, este movimento vem reunido a população negra e movimentando um número expressivo de seguidoras em diversas cidades brasileiras, acontecendo:

Em 2015, impulsionadas pelas redes sociais, **foram organizadas marchas em todo o país com o mote Orgulho Crespo**. Elas tinham como objetivo reunir a população negra em prol do orgulho de seus traços étnicos e de sua negritude. Esse espaço reuniu ativistas, militantes sociais, blogueiras que discutem a estética negra etc. O aspecto político presente nessa onda de marchas que se sucederam foi impactante. Ele fica mais evidente se levarmos em conta que a fragilização da autoestima da população negra, **ocasionada pela ausência de representações positivas de negros e negras na mídia** e pela excessiva difusão dos padrões estéticos hegemônicos, está entre os mecanismos mais eficazes do racismo (MALTA e OLIVEIRA, 2016.p.65. Grifo Nosso).

Na Marcha do Orgulho Crespo predomina-se o gênero feminino, estas mulheres unidas pautam diversas demandas que através de políticas públicas poderiam coibir a desigualdade social e racial vivenciada por esta população. As mulheres em marcha também questionaram a falta de visibilidade da mulher negra na mídia brasileira. Muitas não sentem-se representadas pelo perfil apresentado e imposto na mídia brasileira, que em sua grande maioria é o perfil da mulher branca, com cabelos geralmente lisos e bem escovados. Segundo Iraci (2007), desde 1963 os atores e atrizes afrodescendentes estiveram praticamente ausentes nas Telenovelas produzidas no Brasil, são quase 50 anos de história deste gênero, como programa diário de maior sucesso da TV brasileira. Neste espaço midiático os negros, nunca ultrapassaram 10% do elenco escalado para as Telenovelas. Este fato, de falta de representação do negro na mídia se torna uma

violação de direitos humanos pelos veículos de comunicação, a qual é o principal ' [...] espaço de construção simbólica, a mídia chega a ter uma relevância social e um poder de influência sem precedentes, chegando inclusive a determinar uma nova forma de **exclusão social** que afeta diretamente os negros, as mulheres [...] ' (IRACI, 2007. Grifo Nosso).

A Marcha do Orgulho Crespo, coloca em ação o 'corpo social' (PRECIOSA e ANDRADE, 2014) que através da poética do vestir-se como um enfrentamento político, esses corpos, apresentam em seus vestuários elementos da cultura africana, bem como elementos da cultura afro-americana. Estes corpos sociais manifestam-se coletivamente, diversos ornamentos, formas, cores e linguagens visuais, somam-se a este coletivo formando uma massa populosa que determina, etnia, população ou tribo e ampliam essa percepção para as manifestações de resistência que, segundo Lovejoy, aconteceram em todo o continente americano, referindo-se principalmente aos Estados Unidos e ao Brasil, em que ' [...] os *jihad* influenciaram os eventos na Bahia e, especificamente, a revolta malê de 1835⁷, assim como a consolidação da influência iorubá em Cuba. No âmbito da “era das revoluções” e da resistência das populações escravizadas nas Américas [...] ' (LOVEJOY, 2014). Os elementos da cultura africana, são identificados através de símbolos, estampas, cores, tecidos, turbantes, túnicas, batas, acessórios, etc. E os elementos da cultura afro-americana são identificados pelos elementos e signos do movimento “*Black is Beautiful*”⁸ e “*Black Panthers*”⁹. Todos esses elementos são percebidos e identificados durante a marcha, definindo assim um possível estilo para moda-afro-brasileira, por meio destas múltiplas 'identidades' (HALL, 2009).

Segundo Stuart Hall (2009), a busca pela identidade e a noção de pertencimento, do afrodescendente são distorcidas porque sofrem influências nas suas tradições. Hall, fala que o conceito de diáspora é mais familiar entre os povos do Caribe – fazendo parte de um senso comum coletivo do 'eu' reconhecendo-se como parte de uma determinada cultura. Que o termo 'diáspora' derivou-se da cultura judaica a partir do *Holocausto*, onde

7 □ A Revolta dos Malês foi uma mobilização de escravos de origem islâmica, ocorrida na noite de 24 para 25 de janeiro de 1835 na cidade de Salvador, capital da então província da Bahia, no Brasil. Constitui numa sublevação de caráter social, de escravos africanos. À etnia nagô (também conhecidos como iorubás) coube o papel preponderante: nagôs islamizados não só constituíram a maioria dos líderes. Mais de 80% dos réus escravos em 1835 eram nagôs, sendo eles apenas de 30% de africanos.

8 O termo “Black is Beautiful” foi impulsionado pelo movimento negro americano que agregou este conceito, contrário ao que os Estados Unidos dissiparam a respeito de que as características físicas dos negros — como cor da pele, detalhes do rosto e cabelos — seriam feias. O movimento também incentivava homens e mulheres a pararem de esconder seus traços afros alisando o cabelo, clareando a pele, etc. Essa ideia de valorização do negro, surge com Steve Biko (grande líder africano, lutou contra o apartheid na África do Sul, e que foi torturado até a morte em setembro de 1977), que dizia aos negros africanos: “você tem que olhar para si mesmo como um ser humano e aceitar a si mesmo como você é”. No Brasil, através da música brasileira homenageou-se o movimento norte-americano por meio da belíssima canção homônima dos irmãos Marcos e Paulo Sérgio Valle, famosa na voz de Elis Regina. E na Inglaterra, o roqueiro inglês Peter Gabriel foi mais direto e escreveu Biko, verdadeiro hino cujas primeiras palavras são *September '77 / Port Elizabeth weather fine / It was business as usual / In police room 619*. (Fonte: [Milton Ribeiro](#), 2015. Acessado em 03/09/2017).

9 “Black Panthers” or “Black Panthers Party for Self-Defense” - Partido Pantera Negra para Auto – Defesa, fundado em 1966 por Huey P. Newton e Bobby Seale em prol do nacionalismo negro americano. (fonte: Wikipedia. Acessado em 03/09/2017).

“tribo”, diáspora e pátria, possuem uma identidade cultural imutável e atemporal – que liga o passado ao futuro e o presente numa linha contínua, e que a este fato, é chamado de “tradição” - com sua fidelidade às origens e consciente de sua autenticidade. Por causa do conceito de diáspora estar fundamentado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “outro” e de uma posição rígida entre aquele que está dentro desse processo em relação àquele que está fora. Assim, este processo diaspórico possibilita o entendimento das “identidades” compreendendo as diferentes culturas no continente africano e a influências que as mesmas sofreram de outras culturas (HALL, 2009).

5 - Design de Resistência segundo Ana Beatriz Simon Factum

A pesquisadora, Ana Beatriz Factum apresenta uma preocupação social enquanto designer e educadora, em respeito à memória da população negra aqui escravizadas quando, destaca em sua tese que *'devo mostrar ao mundo a grande contribuição africana para a história do design e para a história da cultura material brasileira'* (FACTUM, 2009.p.25), sendo esta rica contribuição manual e tecnológica apagada da história do design brasileiro.

Para campo do *Design* de Jóias, Factum, propôs inserir na História do Design de Jóias a contribuição da cultura Africana, para analisar o objeto, ao qual denominou de *'Joalheria Escrava Baiana'*, como parte fundamental da *'Construção Histórica do Design de Jóias Brasileiro'* – termo do subtítulo da sua tese. A pesquisadora, investiga o objeto joalheria em dois campos, o concreto e o simbólico. No campo concreto, analisa: figura, formas, matérias-prima, métodos e processos de fabricação, tecnologias, fundições, garimpos, minérios, etc. No campo simbólico, analisa os contextos históricos, memórias, ideologias e relações de poder entrelaçados a estes objetos. Neste campo simbólico, explorado no IV Capítulo *"Joalheria Escrava: Design de Resistência Impermeabilidade"*, Factum, relaciona o objeto “simbólico” da pesquisa com dois momentos de luta e resistência da mulher negra escrava, e alforriada.

O primeiro momento desta mulher negra na condição de escrava, ao usar as jóias sobre seu corpo, esses objetos representavam o seu país de origem. Carregavam com estes objetos, suas memórias afetivas de pertencimento às suas origens e tradições culturais africanas - “[..] vítimas de guerras e do tráfico em suas Áfricas, essas mulheres conseguiram fazer a travessia do Atlântico acompanhada de uma bagagem cultural que serviria para reconstruir e dar sentido em suas vidas sob (e contra) a escravidão em solo

baiano” (REIS, 2003. p. 214 *apud* FACTUM, 2009. p. 203). Para além disto, e por meio do campo do design, observa-se que com essas jóias vieram também saberes, tecnologias manuais - modos de fazer: manusear, tecer, modelar, gravar (minérios - ouro, ferro, técnicas de modagem, gravuras em relevo no metal - muito particular de determinadas regiões da África, formas de tecer a fibra de algodão, conforme citado acima por Prado e Braga, 2011). Por conta das características observadas por Factum, no design e modos de fazer a joalheria, a pesquisadora, escolheu a Bahia, como recorte de localização para situar sua pesquisa. Nesta região concentra-se a memória e a tradição dos africanos vindos de Gana, que se comunicavam através da língua lorubá. E que, particularmente nesta região baiana, o processo de desenvolvimento de joalheiras se mantém fiéis as suas tradições, destacando-se de outras regiões do Brasil.

O segundo momento desta mulher negra, na condição de alforriada. Ocorre por volta dos séculos XVIII e XIX, onde, essa mulher torna-se protagonista da resignificação dos usos e costumes ao portar as jóias que permaneceram em seu traje, como símbolo de poder e de resistência. As peças do vestuário, passaram a ser as mesma das mulheres brancas. Na figura 2, observamos a composição visual da imagem e do traje desta personagem. Nesta pintura, destacamos o vestido de ombro a ombro aberto, e manguinhas curtas, o tecido de cor escura e as luvas brancas, os volumosos colares de bolas grandes e médias despojados sobre os ombros e pescoço e os acessórios no cabelo. Essa mulher negra é uma símbolo de poder da época, e portanto, fruto da resistência e condição de mercadoria (FACTUM,2009).

Figura 2: Baiana século XIX, autor desconhecido. Obra da coleção do Museu do Ipiranga. Imagem digitalizada do livro *Círculo das Contas* (FACTUM, 2009 *apud* GODOY, 2005, p. 17).



Neste sentido, segundo Factum, a condição de alforriada, permitiria à mulher negra apropriar-se de uma outra cultura através do vestuário. Essa ascensão decorrente da

barganha de sua liberdade, através de troca de jóias em ouro, levou as alforriadas à um processo de compra de escravos. Esse processo de ex-escravas na condição de alforriadas, comprarem outros escravos como forma de capitalização, tornava-se confuso no processo de constituição desta mesma população. Deste período, identifica-se a profusão das misturas de raças, de crenças religiosas entre povos africanos de diferentes etnias, e também recebendo influências das culturas portuguesas, europeia e espanhola. Essas influências acabaram agregando incursões às '*tradições*' (HOBBSAWN,1997) africanas existentes. Essa mistura, explica que a Joalheria Escrava Baiana é um design de resistência, sendo, objetificação de várias formas de resistência escrava, tanto, pelas jóias usadas pelas escravas, como pelas alforriadas,

“ A Joalheira Escrava Baiana é um modelo do que se pode classificar de **design de resistência**, não na sua forma que é híbrida, mas no seu significado de uso, da resistência negra ao sistema escravocrata. Portar estas jóias, para a mulher negra ou mestiça, escrava, alforriada ou liberta, simbolizava a preservação da sua cultura, a sua re-construção identitária, a manutenção da sua auto-estima e, principalmente, a sua resistência à condição de mercadoria à qual estava submetida” (FACTUM, 2009. p.266. Grifo nosso).

Como um código de comunicação, eram seus sinais diacríticos¹⁰, marcas de sua identidade étnica. Portanto, ao se referir à África, Factum, se refere como às Áfricas, observando toda essa complexidade de '*identidades*'(HALL,2009), povos e culturas, a partir do tráfico negreiro e a divisão dos povos de língua banto¹¹ e iorubá¹² para depois tentar problematizar a mestiçagem afrobrasileira. E, tanto como às jóias, as vestimentas foram sinais de posição social dos indivíduos nos séculos XVIII e XIX (BITTENCOURT, 2005. p. 25 apud FACTUM, 2009. p. 204), permanecendo esta condição até os dias de hoje, e que estes são importantes elementos simbólicos, que diferenciariam grupos sociais em uma hierarquia social (FACTUM, 2009).

Em relação a investigação de Factum, a respeito de adornos sobre corpo, envolvendo gênero e raça, como forma de relações de poder e a resistência à dominação neste período escravocrata. A pesquisadora estabelece um discurso com o conceito foucaultiano, onde, considera os ornamentos colocados sobre o corpo (aparência) como uma das forma de múltiplos procedimentos de exercícios de bio-poder e bio-política, ao

10 Diacrítico, adj. (gram.) Diz-se dos sinais gráficos com que se distingue a modulação das vogais ou a pronúncia de certas palavras. (Do lat. Diacríticu). Dicionário Brasileiro o Globo, 1993.

11 Banto, adjetivo e substantivo masculino. Diz-se do grupo de idiomas africanos em que a flexão se faz por prefixos; s.m. pl. Raça africana, que se divide em numerosas tribos, e a que pertenciam os negros escravos chamados no Brasil: angolas, cabindas, benguelas, congos, moçambiques. Dicionário Brasileiro o Globo, 1993.

12 Iorubá ou Ioruba (Èdè Yorùbá), é um idioma de família linguística nígero-congolesa falado secularmente pelos iorubás em diversos países ao sul do Saara, principalmente na Nigéria, Benim, Togo, Serra Leoa e no Brasil dentro de um contínuo cultural-linguístico composto por 22 milhões a 30 milhões de falantes. No continente americano, o iorubá é usado em ritos religiosos afro-brasileiros, onde é chamado de nagô.

enquadramento deste corpo dentro das relações de trabalho e subordinação do Estado (FACTUM,2009 apud FOUCAULT,1988. p. 132 e 133). Sendo, estes fenômenos, elementos do capitalismo, que enquadraram-se aos corpos sociais a um modo de produção, '[...] do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, meticuloso. Daí esses terríveis regimes disciplinares[...]' (FOUCAULT, 2016. p: 237). O processo escravagista se tornou um grande regime disciplinar, condicionando os corpos sociais aos modos de produção e às condições de mercadorias. A joalheria escrava de um certo modo, permite a troca destes papéis dentro destas relações de poder, protagonizado pelas mulheres alforriadas. Que na oportunidade de compra de um escravo, este corpo social, passa por novo processo de comercialização e de regime de produção, estabelecido pela mulher negra alforriada. Um grande exemplo desta mulher, poderíamos citar a '*Chica da Silva*' (Fonte: [biografia](#) por Dilva Frazão. Acessado em 05/09/2017)

Na 1ª Jornada Michel Foucault que aconteceu na Faculdade de Filosofia e Sociologia/USP, em 19/04/2017, os pesquisadores Wladimir Safatie (USP) e Peter Pall Pelbart (PUC- SP), debateram os estudos foucaultiano a partir da noção de “resistência e se somos todos indivíduos”. O professor Wladimir Safatie fala que se não houvesse a “resistência” não haveria a relação de “poder”, apresenta que, o que interessava a Foucault, era estudar a resistência entre as relações no micro e no macro poder. E que as relações de poder, nunca foram o poder em si, interessado para as investigações e pesquisa de Foucault. A degradação deste poder era o que o interessava. Já o professor Peter, discorda de Wladimir e destaca que seria impossível falar de Michel Foucault sem exemplificar o cenário político brasileiros a partir da atual conjuntura, onde as relações de poder se sobressaem, e retornando aos anos de 1976 quando Foucault ministrava o curso que resultou no livro *Sociedade Punitiva*, para problematizar a questão do poder – como uma relação de força, que é a guerra continuada por outros meios, por exemplo o político. O caráter bio-político percebido a partir do século XIX quando começaram-se a ter-se noção do racismo, acentua a percepção de guerras entre raças. E com isso a luta de classe que derivaria da luta de raças – uma espécie de regra binária. A análise sobre o micropoder: loucura, poder, sexualidade, etc, feita por Foucault, passa para o macropoder “Estado”, mudando-se apenas a análise do método e não do objeto que são as relações de poder. Com estas duas contribuições fechamos por enquanto a discussão sobre resistência e relações de poder que esse corpo social discutido aqui através da Joalheria Escrava Baiana, significou para a sociedade ao longo destes séculos.

6 - O Patrimônio Cultural Brasileiro a partir de valores simbólicos agregados

Factum (2009), referindo-se a Joalheria Escrava Baiana como um Patrimônio Cultural Brasileiro, apresentando características específicas daquela região baiana em conjunto com uma rica contribuição cultural africana, em especial a dos povos lorubás, a partir dos usos e costumes destes povos, misturados com outras culturas no Brasil, estes objetos se tornaram impermeáveis ao longo dos séculos XVIII e XIX. Com isso, a memória e valor simbólico que estes artefatos agregaram, resignificaram a cultura Africana a partir da mistura de raças entre os afrodescendentes brasileiros. A contribuição das mulheres negras escravas e ou alforriadas, portando suas jóias como resistências às condições de mercadoria naquele processo escravagista. Toda essa construção e valor simbólico agregado a Joalheria Escrava Baiana, passou a ser assumido e proposto por Factum, como Patrimônio Cultural Brasileiro.

Segundo dados do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (que é uma autarquia do Governo Federal, vinculada ao Ministério da Cultura que responde pelo Patrimônio Cultural Brasileiro), o primeiro registro a respeito deste assunto, aparece em 1916 com o surgimento de iniciativas que visavam a preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Em 13 de janeiro de 1937 o IPHAN foi criado – através do artigo 134 da Constituição Federal de 1937 que amplia a defesa do Patrimônio Cultural e a partir da Reorganização do Ministério da Educação e Saúde Pública, inclui a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), primeira instituição governamental, de âmbito nacional, voltada para a proteção do patrimônio cultural do país a partir da Lei 378/1937 (fonte: [IPHAN](#) acessado em 29/06/2017).

As discussões a respeito de Patrimônio Cultural, são recentes, o IPHAN está completando 80 anos de existência, com isso muitos pesquisadores se debruçam sobre este tema para analisar o que é, ou não é patrimônio. Nestas análises verifica-se processos e técnicas definidas pela legislação, cartas, convenções, acordos nacionais e internacionais para elementos ativados como patrimônio. Segundo Zanirato (2017), o patrimônio seja ele natural, material ou imaterial, é sempre patrimônio cultural. Novas formas de se entender e se reconhecer um patrimônio, tornaram-se presentes a partir do século XX, após uma compreensão abrangente sobre a cultura - *“que se converte em um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida”* (ZANIRATO, 2017. *apud* HUNT,1999.p.97); e também de que as alterações do século XX permitiria uma dimensão imaterial da criação humana,

influenciando formas de vida como: moradia, vestimenta, alimentos, práticas agrícolas, a cosmovisão, etc, sendo incorporados como patrimônio cultural os conhecimentos e valores que tornam possíveis a criação de cultura, a partir dos seus usos, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – envolvendo instrumentos, objetos, artefatos, e espaços que as comunidades reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural, essa valorização da cultura popular: línguas, os instrumentos de comunicação, as relações sociais, os ritos, as cerimônias, os comportamentos coletivos, os sistemas de valores e crenças, etc, vistos como referências culturais dos grupos humanos e como signos que definem determinadas culturas. Zanirato, ao problematizar Patrimônio e Identidade e os processos de ativação patrimonial (sobre a ação de patrimonializar que implica em atribuir valor ao bem ou elemento patrimonializável), destaca três pontos importantes que estes processos passam nesta ação, que são: a) pelo reconhecimento social e coletivo; b) compreendem a artificação¹³ (ZANIRATO, 2017. *apud* HEINICH, 2013) do elemento – processos de mudanças; c) a identidade coletiva e a percepção subjetiva. A ativação patrimonial passa por um processo de tombamento, rigorosamente acompanhado pelo IPHAN (ZANIRATO, 2017).

Dentro deste contexto que envolve à memória Africana, a tradição, usos e costumes através de crenças, vestimentas, e comidas típicas, encontramos o “*Ofício das Baianas do Acarajé*”, tombado pelo IPHAN em 2005, como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, este bem cultural de natureza imaterial, está inscrito no Livro dos Saberes em 2005, consiste em uma prática tradicional de produção e venda, em tabuleiro, das chamadas comidas de baiana, feitas com azeite de dendê e ligadas ao culto dos orixás, amplamente disseminadas na cidade de Salvador, Bahia.

7 - Metodologia

A metodologia desta pesquisa está desenvolvida por meio de análise documental. O objetivo desta análise é para entendermos como os termos identidade, resistência e pertencimento são transformados em linguagens de moda, através da imagem e do discurso destes corpos sociais em marcha. Entende-se por análise documental, o documento como objeto de investigação. *‘O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres. Esses*

13 O objeto ou lugar patrimonializado muda de status, essa mudança é denominada pela socióloga francesa Natalie Heinrich como artificação, ou seja, um processo que muda o status de determinado bem, submetendo-o a operações semânticas, jurídicas e cognitivas (HEINICH, 2013).

documentos são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador (SÁ-SILVA. et al, 2009 apud FIGUEIREDO, 2007).

Para a estratégia de coleta de dados, escolhemos duas matérias do portal G1, a respeito da Marcha do Orgulho Crespo que aconteceu no dia 07/08/2016, como o 'campo' Minayo (2010) a ser investigado. O campo de investigação desta pesquisa, envolvem como objetos: o documento e os sujeitos '*humanos*'. As matérias escolhidas são: ['Mulheres participam da 2ª Marcha do Orgulho Crespo em São Paulo'](#), e ['Mulheres dão adeus ao alisamento e assumem cachos e o orgulho crespo'](#).

Como estratégia para análise documental, dividimos o campo de investigação em três grupos a saber : 1) análise de imagem - registro fotográfico; 2) análise do discurso – da entrevista da matéria *Mulheres dão adeus ao alisamento e assumem cachos e o orgulho crespo*; e 3) *análise comparativa dos resultados da análise da imagem com a análise do discurso*. O objetivo desta análise comparativa é para entendermos em que momento aparece os termos identidade, resistência e pertencimento, tanto na imagem como no discurso.

Organizamos a estratégia da análise documental da seguinte maneira:

1. Análise de imagem - registro fotográfico: Pretende-se quantificar os elementos identificáveis da cultura africana e da cultura americana. Observando-se o quanto se repetem esses elementos na composição visual dos trajes dos manifestantes, para poder quantificá-los. Esses elementos serão classificados em dois grupos de identificação: a) Cultura Africana: identificada através de símbolos, estampas, cores, tecidos, turbantes, túnicas, batas, acessórios; e b) Cultura Americana: identificados por signos e ou elementos dos movimentos "*Black is Beautiful*" e "*The Black Panthers*";
2. Análise do discurso – da entrevista da matéria *Mulheres dão adeus ao alisamento e assumem cachos e o orgulho crespo*.
3. Análise comparativa dos resultados da análise da imagem com a análise do discurso.

Quadro 2 - Análise de Imagem
 Marcha do Orgulho Crespo. Av. Paulista. 07/08/2016, São Paulo – SP.



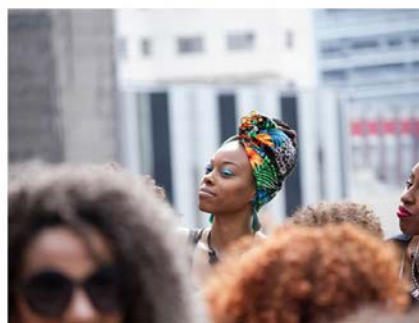
A



B



C



D

Foto A: Figura1: Mulheres caminham levando a faixa durante a 2ª Marcha do Orgulho Crespo na Avenida Paulista, em São Paulo (Foto: Suamy Beydoun/Futura Press/Estadão Conteúdo). Fonte: G1/São Paulo – 07/08/2016.

Foto B: Mulheres se reúnem no vão do Masp, na Avenida Paulista, para a Marcha do Orgulho Crespo (Foto: Cris Faga/Fox Press Photo/Estadão Conteúdo – G1, São Paulo, 07/08/2016).

Foto C: Registro fotográficos da autora deste artigo no dia da Marcha, no Vão Livre do Masp – Av. Paulista/SP em 07/08/2016

Foto D: Mulheres se reúnem no vão do Masp, na Avenida Paulista, para a Marcha do Orgulho Crespo (Foto: Kevin David/A7 Press/Estadão Conteúdo) - G1, São Paulo, 07/08/2016.

Moda Afro-Brasileira

Legenda:

	Identidade
	Resistência
	Pertencimento

a) Cultura Africana:

b) Cultura Americana:

Elementos identificados: símbolos, estampas, cores, tecidos, turbantes, túnicas, batas, acessórios.

Elementos identificados: signos do movimento “Black is Beautiful” e “The Black Panthers”

IMAGEM A:

IMAGEM A:

1 – Símbolo do mão fechada = 27 vezes - The Black Panthers, nas mãos erguidas dos manifestantes

2 - Frase de efeito na jaqueta: Black Lives Matter




Entrevista G1:

“Mulheres dão adeus ao alisamento e assumem cachos e o orgulho crespo”.

07/08/2016, São Paulo – SP.

Legenda:

	Identidade
	Resistência
	Pertencimento

1ª	2ª	3ª
Luana Gonçalves, alisou por 9 anos os cabelos, e a gravidez foi o empurrão que faltava para voltar ao natural.	Cristina Linhares, 19 anos, percussionista.	Yara Cassandra, 20 anos, Grajaú – SP.
		
<p>G1 - Dos 28 anos da monitora de uma Organização Não Governamental (ONG), Luana Gonçalves, nove foram alisando os cabelos - dos 15 aos 24.</p> <p>Luana - Após quase uma década de química, queria voltar ao natural. Mas faltava coragem. “Achava lindo nas pessoas mas não conseguia imaginar em mim”.</p> <p>G1 - A gravidez foi o empurrão necessário (ou obrigatório) para encarar a transição capilar.</p> <p>Luana - “Tive que parar de usar química, né, e pensei, é a hora!”. Aí começaram as críticas de parentes e amigos. “Você é louca”. “Está relaxada”, “Prefiro você de cabelo liso, não combina com você”. “Como que meu cabelo natural não combina comigo?”. G1 - questionava Luana.</p> <p>G1 - Ela afirma que não chegou a fazer o corte mais radical para tirar toda a química, o big chop.</p> <p>Luana - “Meu cabelo era grandão, não queria cortar inteiro. Aí demorou bastante. Ia tirando aos pouquinhos”. O processo durou cerca de dois anos.</p> <p>G1 - Quando criança, também vivia com o cabelo preso.</p> <p>Luana - “Quase não tenho foto com o cabelo solto. Isso dói um pouquinho”.</p> <p>G1 - Com a filha de três anos, Luana faz muitos registros.</p> <p>Luana - “Faço questão de tirar muitas fotos dela com o cabelo livre, leve e solto”.</p> <p>Luana - “Tento sempre passar para ela o que não tive. Eu não tinha representatividade. ‘ah, quero ser que nem essa pessoa’. Eu tento passar isso para minha filha, dou bonecas com cabelo cacheado. Ela acha lindo meu cabelo”.</p> <p>G1 - Para as meninas que querem passar pela transição, Luana diz que o processo é muito maior que apenas uma questão estética.</p> <p>Luana - “A gente tem que estudar a nossa história, a nossa matriz africana, e se identificar nela. Primeiramente, se aceitar negro. Tem que procurar na internet sobre cabelo, maquiagem, e sobre todos os elementos da nossa história, nossa bagagem cultural” (G1 – São Paulo, 07/08/2016).</p>	<p>G1 - A história se repete. Com a percussionista Cristina Linhares, do Itaim Paulista, Zona Leste de São Paulo, o alisamento também foi a solução para evitar o preconceito. Hoje com 19 anos, ela conta que fez a primeira escova progressiva aos 14.</p> <p>Cristina - “Na escola sempre tinha uns coleguinhas que ficavam zuando, chamando de arame, pixaim. Por isso sempre andei de cabelo preso na infância”.</p> <p>G1 - Ela chegou a retocar o procedimento uma vez, mas o cabelo alisado não durou mais que um ano. A ideia de voltar ao natural surgiu durante um ensaio de sua banda.</p> <p>Cristina - “Estávamos tirando a música ‘Olhos Coloridos’, da Sandra de Sá [A música fez sucesso na voz de Sandra de Sá, mas é de autoria do compositor Macau]. Eu me inspirei nessa letra e resolvi assumir meu black power de vez”.</p> <p>G1 - O retorno ao crespo demorou oito meses.</p> <p>Cristina - “Cheguei a fazer o big chop quando tinha quatro dedos de cabelo natural. Todo mundo ficou ‘nossa, você não fez isso!’. Quem não tem coragem vai aos poucos”, sugere.</p> <p>G1 - Tempos depois, ela viu a irmã de nove anos passando pelos mesmos dilemas que ela viveu na infância.</p> <p>Cristina - “Ela estava pensando em alisar”, G1 - diz.</p> <p>G1 - Para mostrar que manter-se longe da química era uma boa opção, Cristina recorreu às redes sociais. Combinou que postaria uma foto da irmã com o cabelo solto no Facebook e elas aguardariam a repercussão.</p> <p>Cristina - A irmã topou o desafio, e ao ver sua imagem render muitas curtidas e comentários favoráveis, desistiu do alisamento (G1 – São Paulo, 07/08/2016).</p>	<p>G1 - Yara Cassandra, de 20 anos, do Grajaú, Zona Sul de São Paulo, começou a fazer relaxamento e progressiva nos cabelos aos 11 anos. A motivação:</p> <p>Yara - “Era sempre zoada na escola. Para ser mais aceita comecei a alisar”, G1 - recorda.</p> <p>G1 - Após cinco anos de química, quis assumir os fios de forma natural.</p> <p>Yara - “Não aguentava mais fazer progressiva”.</p> <p>G1 - Somado ao cansaço de alisar, havia também o desejo de ter uma identidade que valorizasse suas origens.</p> <p>Yara - “E já tinha mais noção, estava me reconhecendo como mulher negra”.</p> <p>G1 - Segundo ela, o processo foi intensificado durante festa em sua escola, no Dia Nacional da Consciência Negra. No calendário oficial, a data é celebrada anualmente em 20 de novembro.</p> <p>Yara - “Um professor na escola fazia todo ano. Durante três dias trazia poetas negros, religiões afros, e no final tinha uma festa só com música negra”.</p> <p>G1 - A transição capilar demorou quase um ano.</p> <p>Yara - “Eu deixei crescer até um certo ponto e cortei tudo”.</p> <p>G1 - Chamado de “big chop”, o corte elimina as partes onde a química está presente e deixa apenas o que há de natural no cabelo.</p> <p>G1 - A reação inicial à mudança radical não foi boa.</p> <p>Yara - “Não gostei, eu chorei muito”, lembra.</p> <p>G1 - Ela ainda conta que no dia do corte, se escondeu no banheiro para chorar, porque a mãe não apoiava a decisão de deixar o cabelo natural.</p> <p>Yara - “Ela é bem racista com ela mesma”.</p> <p>G1 - O estranhamento foi superado rapidamente. Em menos de 24h Yara já estava feliz com o resultado.</p> <p>Yara - “No dia seguinte vi que realmente estava bonito”.</p> <p>G1 - O processo a fez perder o temor e inovar virou rotina.</p> <p>Yara - “Estou sempre tentando mudar. Já tive black, já fiz trança, já deixei colorido”.</p> <p>G1 - Embora satisfeita com os resultados, ela conta que após assumir o cabelo crespo, enfrentou dificuldade para encontrar emprego, até mesmo em um salão especializado no seu tipo de cabelo.</p> <p>Yara - “Eu fui procurar trabalho num salão afro, e aí a mulher disse que não ia me aceitar porque o cabelo estava natural, e aí tinha que deixar mais mole, relaxar um pouco”.</p>

mais, para deixar cacheado, não crespo".

Yara - "Já era pra ter sido desconstruído essa ideia de que o cabelo crespo é feio".

G1 - Para Yara, a marcha que ocorre neste domingo é :

Yara - "boa para mostrar que tem pessoas negras, lindas e maravilhosas com seus cabelos crespos" (G1 – São Paulo, 07/08/2016).

CONCLUSÃO Legenda de análise do Discurso: sublinhamos palavras e contexto, para verificar quantidade de vezes que estes termos/ contextos aparecem através do discurso de cada participante.

	Identidade	25 vezes
	Resistência	01 vez
	Pertencimento	06 vezes

Quadro 4 - Análise Comparativa

Resultados da Análise da Imagem X Análise do Discurso.

		Análise da Imagem	Análise do discurso
	Identidade	23 vezes	25 vezes
	Resistência	09 vezes	01 vez
	Pertencimento	06 vezes	06 vezes

8 - Conclusão

A moda afro-brasileira está em processo de ascensão no Brasil, explorando um segmento de mercado muito promissor, e que agrega outros produtos com esta temática, para além do vestuário. Esta moda é social, cultural e política. Agrega elementos da cultura africana como também da cultura americana. Esta moda, também reforçam a importância do movimento Orgulho Crespo e da Marcha do Orgulho Crespo, que dão visibilidade a estes corpos sociais e que através da moda as questionam as desigualdades sociais da população negra brasileira.

As dificuldades enfrentadas pelas empresas deste setor, são característicos de um novo mercado e inicialmente explorado. Acreditamos que futuramente, esta moda, será incorporada (como aconteceu com outros gêneros de moda: hip-hop, rock, country, evangélica, etc) aos atacadistas de diversos segmentos dentro da cadeia têxtil e de confecções, para distribuir-se no varejo segmentado. Os atacadistas, a priori, não são bem vistos pelos estilistas que defendem uma moda-afro-brasileira mais autoral. Mais são os atacadistas, que produzem em larga escala, os que aprimorarão os processos produtivos destes produtos, e que definirão o padrão de qualidade e o posicionamento destes produtos no mercado.

A metodologia documental possibilitou-nos a compreensão de que tanto através da

imagem como do discurso o conceito de 'identidade' aparece bem equilibrado (embora A do Quadro 2 – Análise da imagem, apresente a contagem aproximada de 27 pessoas a frente da marcha, mas não sendo possível a contagem de todos. Optou-se sinalizar o elemento como um todo), que o reconhecimento da 'resistência' é muito utilizada na análise da imagem do que na construção do discurso, e que a percepção a respeito de 'pertencimento' aparece com equidade entre a análise da imagem com a análise do discurso.

Concordamos com o G1, quando destaca que a Marcha do Orgulho Crespo não vem somente ressaltar a questão da vaidade e do cuidado com o cabelo, esse movimento usa positivamente a questão capilar como mote para quebrar preconceitos e romper padrões de beleza estabelecidos. E que a análise do discurso sobre o posicionamento das entrevistadas, mostrou que a busca pela auto-afirmação, reconhecimento e pertencimento à cultura africana, se tornaram mais fortes entre Luanna, Cristina e Yara, através do movimento Orgulho Crespo.

A pesquisa de Factum (2009), possibilitou a compreensão simbólica do Patrimônio Cultural e Material que é a Joalheria Escrava Baiana, a ressignificação da cultura afro-brasileira na contemporaneidade. Que Zanirato (2017), provocou reflexões para se pensar a ressignificação da cultura afro-brasileira como Patrimônio da Cultural Brasileiro.

Os estudos de Michel Foucault (1988) sobre bio-poder e bio-política estão presentes e atuais na investigação quanto o uso dos corpos sociais em ação, envolvendo gênero e raça, relações de poder e resistência.

9 - Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Pierre Bourdieu; tradução, Maria Lúcia Machado. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

DAVIS, A. 1944 – **Mulheres, raça e classe**. Angela Davis ; Tradução Heci Regina Candiani. - 1.ed.-São Paulo: Boitempo, 2016.

FACTUM, A.B.S. **Joalheria Escrava Baiana: a construção histórica do design de jóias brasileiro**. Ana Beatriz Simon Factum. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP. São Paulo, 2009.

FOUCAULT, M, 1926 – 1984. **Microfísica do Poder**. Michel Foucault; organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. - 4. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREYRE, G. **Casa – Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal** | por | Gilberto Freyre; ilustrações de Tomás Santa Rosa e Poty, desenho a cores de Cícero Dias. 20ª ed. Rio de Janeiro / Brasileira, Livraria José Olympio Editora / INL-MEC, 1980.

HAGER, P.H.C. **Consumo e Discriminação Étnico Racial: considerações sobre o mercado de moda-afro-brasileira**. Patrícia Helena Campestrini Hager. Revista Percurso. Maringá. v.8. p:87 – 109, 2016.

HALL, S. **Da diáspora e meditações culturais**. Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução La Guardia Resende... [et al.]. 1ª edição atualizada – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2009. 410 p. (Humanitas).

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Eric Hobsbawm e Terence Ranger. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997.

IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ... [et al.]. - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011. 39 p. : il. Com a participação de: ONU Mulheres, Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir).

IRACI, N. **Dossiê sobre a situação das Mulheres Negras Brasileiras**. Nilza Iraci (organização). Realização: Articulação de ONGs de Mulheres Negras Brasileiras [AMNB] Reinarte, 2007.

KOFES, S. **Gênero e Raça em Revista: debate com os editores da revista Raça Brasil**. Suely Kofes (organização). UNICAMP - Departamento de Antropologia - Programa de Mestrado / Programa de Doutorado em Ciências Sociais / Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu / organização da Secretaria de Eventos do IFCH. Campinas – SP. Cadernos Pagu (6-7) 1996: pp.241 -296 / novembro, 1996.

LOVEJOY, P. E. **Jihad na África Ocidental durante a “Era das Revoluções”: em direção a um diálogo com Eric Hobsbawm e Eugene Genovese**. LOVEJOY, Paul E. Lovejoy. Topoi, Rio de Janeiro, v. 15, n. 28, p. 22-67, jan./jun. 2014 | www.revistatopoi.org.

MACHADO, C. E. D.; LORAS, A. B. **Gênios da humanidade: ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente**. Carlos Eduardo Dias Machado; Alexandra Baldeh Loras – São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2017.

MALTA, R.B.; OLIVEIRA, L.T.B.de. **Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual**. Revista GÊNERO. Niterói. v.16. n.2. p. 55 – 69. | 1.sem. 2016.

MINAYO, M.C.de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Maria Cecília de Souza Minayo. - 12 ed. - São Paulo: Hucitec, 2010.

PRADO, L.A. do.; BRAGA, J. **História da Moda no Brasil: das influências as autorreferências**. Luís André do Prado e João Braga. – 2 ed.-- Barueri, SP: disal, 2011.

REIZ, P. **Redação científica moderna**. Pedro Reiz. – São Paulo : Editora Hyria, 2013.

RIBEIRO, D. 1922 – **O povo brasileiro : a formação e o sentido do Brasil**. Darcy Ribeiro. – São Paulo : Companhia das Letras, 1999.

SALGADO, F. C. **Negras Memórias, Memórias de Negros. O imaginário Luso – Afro-Brasileiro e a Herança da Escravidão**. Palácio das Artes – Fundação Clóvis Salgado, 2003

SÁ-SILVA, J.R.; ALMEIDA, C.D.de.; GUINDANI, J.F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Jackson Ronie Sá-Silva. Cristóvão Domingues de Almeida. Joel Felipe Guindani. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I - Número I - Julho de 2009 | www.rbhcs.com

SILVA, F. F. da. **A cidades brasileiras e o patrimônio cultural da humanidade**. Fernando Fernandes da Silva. - 2 ed. - São Paulo : Peirópolis: Editora da Universidade de São Paulo.

SIS. Sistema de Inteligência Setorial. **Moda Africana no Brasil**. Boletim de Tendências : SEBRAE-SC. Fevereiro, 2016.

ZANIRATO, S.H. **Patrimônio e identidade: retórica e desafios nos processos de ativação patrimonial**. Sílvia Helena Zanirato. Texto apresentado à prova de erudição do Concurso de Livre Docência em Ciências Ambientais, EACH/USP. São Paulo: Janeiro de 2017.

Web Sites:

1. G1/São Paulo – 07/08/2016 – Mulheres participam da 2ª Marcha do Orgulho Crespo em São Paulo / link: [Mulheres participam da 2ª Marcha do Orgulho Crespo em SP – 2016](#).

2. G1/São Paulo – 07/08/2016 – Mulheres dão adeus ao alisamento e assumem cachos e o 'orgulho crespo' – de: Paula Paiva Paulo / link: Mulheres dão adeus ao alisamento
3. G1/São Paulo – 26/07/2015 - Avenida Paulista recebe Marcha do Orgulho Crespo neste Domingo / link: Avenida Paulista recebe Marcha do Orgulho Crespo - 2015
4. G1/Bom Dia Brasil – 27/07/2015 – Marcha do Orgulho Crespo é realizado pela 1ª vez em São Paulo / link: Marcha do Orgulho Crespo - 2015
5. Afropunk - <http://www.afropunk.com/profiles/blogs/op-ed-brazil-s-natural-hair-march-encourages-black-brazilians-to>
6. IPHAN – www.iphan.gov.br acessado em 30/06/2017.
7. Blogueira Luana Oliveira - <http://papocomalua.blogspot.com.br/> acessado em 08/07/2017.
8. Orgulho Crespo. <http://orgulhocrespo.com/sobre/>
9. Marcha do Orgulho Crespo em São Paulo lembra a luta das mulheres negras. <https://noticias.uol.com.br/album/mobile/2015/07/26/marcha-do-orgulho-crespo-em-sp-lembra-luta-de-mulheres-negras.htm?imagem=12> acessado em 07/07/2017.
10. Origins of the afro comb - <http://www.fitzmuseum.cam.ac.uk/gallery/afrocombs/combs/> . Acessado em 08/07/2017.
11. Blog: Moda Imagem - <http://www.modaimagem.com.br/2014/03/hot-pente.html> acessado em 08/07/2017.
12. Vogue / desfile LAB - <http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/10/lab-injeta-representatividade-na-passarela-do-spfw.html> acessado em 08/07/2017.
13. Vogue/Joan Smalls - <http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2017/05/joan-smalls-em-dose-dupla-na-edicao-de-junho-da-vogue-brasil.html> acessado em 08/07/2017.
14. Vogue/Jourdan Dunn - <http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/01/jourdan-dunn-como-voce-nunca-viu-na-vogue-de-fevereiro.html> acessado em 08/07/2017.
15. Vogue/Lais Ribeiro <http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2017/01/lais-ribeiro-veste-valentino-na-capa-da-edicao-de-fevereiro-da-vogue-brasil.html>. Acesso em 08/07/2017.
16. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf> . Acesso em 24/08/2017.
17. Ecommerce estilo afro <http://www.estiloafro.com.br/#>
18. PEGN. Empreendedores Negros Focam em Potencial do Mercado Afro no Brasil. <http://g1.globo.com/economia/pme/noticia/2015/11/empreendedores-negros-focam-em-potencial-do-mercado-afro-no-brasil.html> . Acesso em 29/08/2017.
19. Curl Girl Collective - <http://www.curlygirlcollective.com/> .Acessado em 29/08/2017.
20. Black Enterprise - <http://www.blackenterprise.com/billboard/curl-fest-2016/>
21. Curl Fest - <https://curlfest.splashthat.com/>
22. A importância de Steve Biko e do Movimento da Consciência Negra na África do Sul. Milton Ribeiro - <http://miltonribeiro.sul21.com.br/tag/black-is-beautiful/> . Acessado em 03/09/2017.
23. Partidos dos Panteras Negras - https://pt.wikipedia.org/wiki/Partido_dos_Panteras_Negras . Acessado em 03/09/2017.
24. Chica da Silva. Biografia por Dilva Frazão - https://www.ebiografia.com/chica_da_silva/ . Acessado em 05/09/2017.